

FIORI, José Luís. **A síndrome de Babel e a disputa pelo poder global**
Petrópolis: Vozes, 2020. 200 p.

Ricardo Zortéa Vieira*

A década de 2010 foi marcada pelo aparecimento de governos obscurantistas, como os de Donald Trump nos EUA e de Jair Bolsonaro no Brasil, que combinaram aversão à ciência, incompetência administrativa e desrespeito por paradigmas éticos e civilizatórios mínimos. A ascensão do obscurantismo, por sua vez, veio globalmente associada à onda de sistemática desinformação através das redes sociais, e localmente ligada ao golpe midiático, jurídico e parlamentar de 2016. A profundidade da onda de desinformação e o golpismo heterodoxo brasileiro contribuíram muito para a dificuldade de entender a crise pela qual passamos, que é justamente o objetivo de José Luís Fiori no seu novo livro, *A síndrome de Babel e a disputa pelo poder global* (2020).

A forma encontrada por Fiori para entender uma conjuntura que não é só conturbada mas também mistificada pela própria crise epistêmica que a domina é basear a análise na teoria, por sua vez derivada do estudo da história de longa duração. Para o autor, qualquer sociedade humana é dominada por relações de poder, por definição assimétricas, competitivas e, portanto, expansivas. Já o sistema internacional que hoje ocupa todo o globo surgiu no “Longo Século XVI” na Europa, e é constituído por Estados soberanos em permanente disputa. Esses Estados são “Blocos Nacionais” nos quais os poderes político e econômico se reforçam mutuamente: o poder político apoia o capital ao garantir a ele posições monopólicas, que constituem o “terceiro andar” da visão tripartite de economia de Fernand Braudel, ou seja, o próprio capitalismo, em que a supressão da concorrência permite os lucros extraordinários. O capital, por sua vez, apoia o poder político o financiando por meio da tributação e da dívida pública.

A luta entre os Estados nacionais é o motor do sistema, e a principal responsável pela sua expansão, que para Fiori ocorre em grandes “ondas”, uma vez que as unidades em disputa precisam expandir seus territórios, suas economias e seus recursos tecnológicos para não serem sobrepujadas por seus competidores, o que já ocorreu várias vezes desde o “Longo Século XVI”. Se a queda de uma grande potência pode ser entendida como ocorrência regular no sistema, o seu oposto, ou seja, a acumulação de poder por um Estado ao ponto de eliminar a própria competição interestatal, nunca ocorreu. Na realidade, se isso acontecesse, seria o próprio fim do sistema, que por definição é interestatal e capitalista, e tem na competição sua verdadeira energia vital.

É justamente nos marcos dessa “impossibilidade lógica” de um Estado suprimir a competição interestatal que se insere a “síndrome de Babel” que dá nome ao livro. Fiori remete-se a mito de Babel, no qual a humanidade, unida por um mesmo sistema de valores, buscou construir uma torre com o objetivo final de igualar-se a Deus, que respondeu destruindo a torre e semeando a divisão ética entre os seres humanos.

No final do século XX, os EUA tinham expandido enormemente seu poder, e conseguido universalizar seu sistema de valores baseado no mercado, na democracia e

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da UFRJ.

nos direitos humanos, um verdadeiro paradigma ético administrado e protegido por um conjunto de instituições multilaterais propostas e apoiadas por Washington. Dialeticamente, essa expansão do poder americano provocou reações opostas de potências interessadas em preservar sua própria soberania. Essas reações simultaneamente expandem o sistema interestatal e operam dentro do paradigma ético do “globalismo liberal” disseminado por Washington. É nesse momento, então, que os Estados Unidos resolvem se livrar do sistema de valores que anteriormente, e de forma tão bem-sucedida, propagaram, substituindo por uma nova política externa baseada no estrito interesse nacional econômico e militar americano.

A virada executada por Trump na política externa americana não é um produto idiossincrático da mente do chefe de Estado, mas responde a um imperativo estrutural do sistema interestatal, ou seja, a continuidade a todo custo da competição pelo poder entre os Estados. Além disso, representa a visão de uma parte da elite americana associada ao projeto de construção de um império militar global, para o qual a fidelidade a um paradigma ético multilateral é uma amarra mais que uma vantagem. E esse império militar opera cada vez menos com operações militares convencionais, ainda que continuem frequentes e altamente destrutivas, mas com operações de “quarta geração” em que se utilizam meios econômicos e informacionais, nesses incluídos a luta anticorrupção como reconhecido por documentos oficiais americanos, para desmoralizar e destruir a vontade de luta do adversário.

É dentro desse contexto internacional que é possível entender a profunda “crise brasileira” que se estende desde 2015. Para Fiori, a elite brasileira não percebeu ou não aceitou a necessidade de uma renovação da sua estratégia internacional diante da posição internacional de destaque do país alcançada após 2003 com a política de aproximação com o BRICs, a descoberta das novas reservas de petróleo na camada pré-sal e as mudanças derivadas da competição interestatal intensificada entre as grandes potências. Como resultado, o país acabou atingido por uma onda de desestabilização com três componentes principais emanados dos Estados Unidos: uma campanha anticorrupção que arrasou o complexo brasileiro de petróleo e gás e desestabilizou o sistema político; uma ideologia liberal que busca desmontar os pilares da economia nacional via desregulamentação, austeridade e privatizações, em uma repetição do que foi feito na Rússia de Yeltsin; e uma ideologia religiosa de política externa que substituiu os interesses reais do país pela fidelidade canina aos Estados Unidos e o combate aos inimigos de Washington, custe o que custar ao Brasil.

A conclusão da análise vem na forma de um aviso aos que pretendem reconstruir o país após a catástrofe bolsonarista: o desenvolvimento econômico, nesse sistema interestatal capitalista, só ocorre apoiado em uma estratégia geopolítica, e não em qualquer teoria que concebe a economia como separada das relações de poder, domésticas ou internacionais. O novo livro de Fiori pode ser entendido, assim, como uma contribuição para superar justamente esse desafio de repensar velhas premissas intelectuais fortemente disseminadas na academia e na mídia, que se constituem como um dos obstáculos mais fortes para o retorno do Brasil à trilha do desenvolvimento soberano.